



DESPRENDIMENTO

(...) Diante da morte do corpo, quando sentem antecipadamente o sofrimento, quando descobrem que alguém partiu, as pessoas passam por um processo muito doloroso, penoso, mesmo, para muitos de nós, espíritos de Deus. Mas informamos sempre às criaturas, dizendo-lhes:

Olhem um pouco mais adiante; observem o futuro! Aquele que partiu, que se desprende, está caminhando; está vencendo etapas; superando as distâncias, os problemas, as dores. (...)

O espírita aprenderá a ciência do desprendimento na medida em que ele próprio se sinta desprendido das coisas do mundo.

Façamos isto: pouco a pouco, desprendamo-nos das coisas menos importantes. Não nos preocupemos com as coisas tão difíceis de desligarmo-nos. O tempo nos ensinará o desligamento necessário. Daquilo que for pequenino, sem importância, que não represente nada de útil para seus espíritos, comecem a desprender-se.

Há pessoas que começarão a fazer isso com uma pequena peça de roupa, com um pequeno objeto; outras, com coisas de mais importância. Todas, entretanto, estarão aprendendo a espiritualizar-se, que é o que devemos buscar.

Que esta lição da noite de hoje torne cada um de vocês um tanto mais desprendido! De cada um se espera que se cresça no sentimento, na busca do amor e na busca de Deus.

Nosso desprendimento não pode ser assim um ato de puro desprezo por alguma coisa, não! Nosso desprendimento significa escolha por algo mais importante. E o que há de mais importante no ser humano do que a própria vida?

A vida material tem a sua fase; a vida espiritual tem como consequência a união com Deus, que é a busca final de tudo.

Que Deus nos ajude, abençoe, nos proteja e nos dê um final de estudos e de trabalhos espirituais com muita paz!

Vosso irmão *Antonio de Aquino*, amparado, também, pelo irmão *Balthazar*.

Do livro: *Inspirações do Amor Único de Deus*, vol. 1

Psicofonia: *Altivo C. Pamphiro*

ESTUDO: O Livro dos Espíritos - Cap. III - Segunda Parte - "Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual", itens 149 a 162

A ALMA APÓS A MORTE

149. O que se torna a alma no instante da morte? “Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos que, momentaneamente, ela havia deixado.”

150. A alma, após a morte, conserva sua individualidade? “Sim, jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

a) Como a alma constata sua individualidade, visto que não tem mais o seu corpo material?

“Ela ainda possui um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

b) A alma nada leva consigo deste mundo? “Nada além da lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Esta lembrança é cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela tenha feito da vida; quanto mais pura, mais ela compreende a futilidade do que deixa na Terra.”

151. O que pensar da opinião de que, após a morte, a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante desta assembleia e, todavia, conservas sempre a tua individualidade.”

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma, após a morte? “Não tendes esta prova através das comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, verieis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois, com muita frequência, uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, com a morte, a alma volta para o todo universal estão errados, se com isso entendem que, semelhante a uma gota d'água que cai no oceano, ela aí perde sua individualidade; estão certos, se entendem por todo universal o conjunto dos seres incorpóreos do qual cada alma ou espírito é um elemento.

Se as almas fossem confundidas na massa, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência, nem qualidades próprias; enquanto que, em todas as comunicações, acusam a consciência do eu e uma vontade própria: a diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a própria consequência das individualidades. Se, após a morte, só houvesse o que se chama de o grande Todo, absorvendo todas as individualidades, este Todo seria uniforme e, então, todas as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Visto que lá se encontram seres bons, outros maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes; que os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e profundos, etc., é, evidentemente, porque são seres distintos. A individualidade se torna mais evidente ainda, quando esses seres provam a sua identidade, através de sinais incontestáveis: das particularidades pessoais relativas à sua vida terrestre, que podem ser constatadas. Não pode ser posta em dúvida, quando eles se manifestam à visão, nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como um artigo de fé; o Espiritismo a torna patente e, de alguma forma, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna? “É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”



a) Não seria mais exato chamar de vida eterna a dos Espíritos puros, daqueles que, tendo atingido o grau de perfeição, não têm mais provas a experimentar? “Seria, antes, a felicidade eterna; mas, isto é uma questão de palavras; chamai as coisas como quiserdes, desde que vos entendais.”

SEPARAÇÃO DA ALMA DO CORPO

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

“Não; frequentemente, o corpo sofre mais durante a vida, do que no momento da morte: a alma disso não participa. Os sofrimentos que, algumas vezes, se experimentam no momento da morte, são um gozo para o Espírito, que vê chegar o término do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem disto se aperceber: é um lampião que se apaga, por falta de combustível.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo? “Sendo rompidos os elos que a retinham, ela se desprende.”

a) A separação se opera instantaneamente e por uma brusca transição? Há uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte? “Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa, como um pássaro cativo, restituído, subitamente, à liberdade. Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desprende, pouco a pouco, de seus laços: eles se desatam, não se quebram.”

Durante a vida, o espírito se prende ao corpo por seu envoltório semimaterial ou perispírito; a morte é a destruição do corpo somente, e não a deste segundo envoltório, que se separa do corpo, quando nele cessa a vida orgânica. A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; ele só gradualmente se opera e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos; em uns ele é bastante rápido e pode-se dizer que o momento da morte é também o da libertação, diferindo em algumas horas; porém, em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido e dura, algumas vezes, dias, semanas e até meses, o que não implica existir no corpo a menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas, uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que está sempre em razão da preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. Com efeito, é racional conceber que quanto mais o espírito se haja identificado com a matéria, mais tenha dificuldade de se separar dela; enquanto que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo e, quando a morte chega, ele é quase instantâneo. Este é o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados, no momento da morte. Estas observações provam, ainda, que a afinidade que, em alguns indivíduos, persiste entre a alma e o corpo é, algumas vezes, muito penosa, pois o espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e próprio a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte; ele se apresenta em alguns suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode acontecer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já deixou o corpo: nada mais há senão a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e, todavia, resta-lhe ainda um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração faz funcionar; ele existe, enquanto o coração faz circular o sangue nas veias, e para isso, não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma tem, algumas vezes, uma aspiração ou êxtase que lhe faz entrever o mundo para onde vai retornar? “Frequentemente, a alma sente quebrarem-se os elos que a prendem ao corpo; faz, então, todos os esforços para rompê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desenrolar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. O exemplo da lagarta que, primeiramente, se arrasta pela terra, depois, encerra-se na sua crisálida sob uma morte aparente, para renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos uma ideia da vida terrestre, depois do túmulo e, finalmente, de nossa nova existência?

“Uma pequena ideia. A imagem é boa; no entanto, é preciso não a tomar ao pé da letra, como frequentemente vos acontece.”

159. Que sensação experimenta a alma, no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?

“Isso depende; se fizeste o mal com o desejo de praticá-lo, no primeiro momento, tu te sentirás envergonhado de tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

160. O Espírito reencontra, imediatamente, aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele? “Sim, conforme a afeição que se dedicavam mutuamente; frequentemente, eles vêm recebê-lo, quando da sua entrada no mundo dos Espíritos e o ajudam a se desligar das faixas da matéria; como também há muitos que ele reencontra, depois de os haver perdido de vista, durante sua estada na Terra; vê os que estão na condição de errantes; os que estão encarnados e vai visitá-los.”

161. Na morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram pela idade ou as doenças, a separação da alma e a cessação da vida acontecem simultaneamente? “Geralmente assim é, porém, em todos os casos, o instante que as separa é muito curto.”

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva, durante alguns instantes, a consciência de si mesmo?

“Muitas vezes ele a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica esteja completamente extinta. Porém, frequentemente também, a apreensão da morte o faz perder essa consciência antes do instante do suplício.”

Trata-se, aqui, apenas da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode, então, conservá-la por alguns brevíssimos instantes. Ela cessa, necessariamente, com a vida orgânica do cérebro, o que não implica que o perispírito esteja inteiramente desligado do corpo; ao contrário, em todos os casos de morte violenta, quando ela não se deu pela extinção gradual das forças vitais, os elos que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes e o desligamento completo é mais lento.